



# DEIXEM-ME AO MENOS SUBIR ÀS PALMEIRAS

— Novas perspectivas para o cinema moçambicano

## ★ O FILME

«Deixem-me ao menos subir às palmeiras». Este filme, também ele, tem a sua longa história. Realizado em pleno colonialismo, quando a PIDE-DGS semeava e semearia ainda por dois anos, na sua lenta agonia, uma das mais hediondas vagas repressivas da história, foi nesse contexto que Lopes Barbosa, quase que isolado mas resolutivo, resolveu cinematizar o extraordinário conto de Luís

Bernardo Honwana, «Dina», inserto na sua obra anti-colonialista «Nós Matámos o Cão Tinhoso». Várias modificações foram feitas em relação ao original e muita da força que Honwana emprestava a certas situações perdeu-se. Os condicionalismos da época a isso obrigaram porque havia sobretudo a necessidade de fazer chegar ao povo moçambicano, na sua esmagadora maioria iletrado, uma extraordinária mensagem humana. Daí que o fil-

me, seja na sua quase totalidade, dialogado em changana (Tsonga).

Não queremos deixar aqui de frisar que uma desesperante falta de meios técnicos e financeiros acompanhou toda a feitura deste filme que, como é absolutamente natural, disso se ressentiu. Mas a vontade pertinaz de mostrar uma verdade está bem patente apesar da impreparação de uma equipa humana que dá os seus primeiros passos no campo do cinema.

## ★ OS AGENTES DO COLONIALISMO

A acção do filme desenrola-se numa grande fazenda onde um capataz, agente e laçao do colonizador, submete os trabalhadores a penosas e infundáveis horas de trabalho forçado que, muitas das vezes, só terminam com o desfalecimento dos mais fracos.

O capataz, que no conto original era branco, aparece neste filme representado por



um actor negro. Embora constitua uma desvirtuação em relação ao conto, produto dos condicionalismos de então, este facto, contrariamente ao que possa parecer à primeira vista, não desvirtua o conteúdo geral da obra. Diríamos mesmo que, neste momento, em Moçambique, até levanta um problema oportuno. Permite deste modo esclarecer que a exploração não conhece cores nem raças. Não se trata de uma oposição entre brancos e pretos mas sim entre exploradores e explorados.

São exactamente laiaios do tipo do capataz, sejam eles brancos ou pretos, que, vendendo-se ao opressor, constituem o veículo ideal para a penetração do neo-colonialismo. De facto, na situação neo-colonial, a exploração e a opressão mantêm-se. Simplesmente, nalguns casos, o agente (ou executante) estrangeiro é substituído por um nacional, continuando a exploração a fazer-se sob formas semelhantes. E continuando o grande capital internacional a ser o seu principal usufrutuário, agora camuflado por uma falsa independência política. Contra este perigo, só uma linha política de facto revolucionária como a que a FRELIMO aplica pode constituir precaução suficiente.

★ **A EXPLORAÇÃO.  
SEMENTE DA REVOLTA**

A exploração é a semente, semeia a revolta. É esta ou-

tra das realidades que o filme nos documenta. Para além de obrigá-los a trabalhos forçados no cultivo das machambas (embora sub-alimentados), os trabalhadores são também submetidos a todo o tipo de vexames morais. No caso de «Deixem-me ao menos subir às palmeiras» é a filha do madala, o velho trabalhador, que é abusivamente violada pelo capataz. Este, surpreendido neste hediondo acto, vê-se obrigado a enfrentar a fúria dos trabalhadores que incitam o velho à revolta. Porém, num ultrajante gesto o capataz remata a situação oferecendo uma garrafa de vinho ao madala que, vergado pelos anos de exploração e já sem capacidade de revolta, a aceita, totalmente vendido. Mais alguns dias de trabalhos forçados e aniquilado pelo desgosto, acabará por sucumbir.

★ **O SISTEMA COLONIAL.  
VERDADEIRA CAUSA  
DA EXPLORAÇÃO**

Está bem patente nesta obra a necessidade de recusar o superficial indo directamente às verdadeiras causas dos problemas. O realizador, embora de certa forma falhado por se tratar de uma cena quase que metida «a martelo», tenta enquadrar socialmente a história que nos conta. Referimo-nos concretamente a uma das cenas finais do filme em que nos aparecem, lado a lado, os representantes simbólicos das instituições mais repressivas

da sociedade colonial: os elementos da famigerada PIDE-DGS imediatamente reconhecíveis pelas suas patibulares faces ornamentadas com os fatídicos e bem característicos óculos escuros, a senhora religiosa e piedosa cuja profissão é fazer «caridade» através de instituições de «protecção aos desamparados», o padre e respectivos sacristãos representantes dum religião hipócrita que, servindo-se do obscurantismo, perpetuam a dominação colonial, etc., etc., etc....

★ **NOVAS PERSPECTIVAS  
PARA UM VERDADEIRO  
CINEMA MOÇAMBICANO**

Apesar de todas as suas limitações estamos, indubitavelmente, perante uma obra que rasga decididamente novas perspectivas para um novo cinema moçambicano. E dizemos novo porque nos lembramos de outras obras tão acarinhadas pelo anterior regime como por exemplo «O ZÉ DO BURRO» ou «LIMPOPO», verdadeiros excrescimentos da produção cinematográfica local.

Sobretudo agora, após uma longa noite de colonial-fascismo, que, através de decisivos passos já dados, está finalmente a ser libertada a energia criadora de todo o povo moçambicano, o Cine-Clube de Lourenço Marques achou importante divulgar esta obra que antes estava interdita.